

A HERMENÊUTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA PREGAÇÃO BÍBLICA

Manoel Pedro da Silva¹

RESUMO

O artigo é em cumprimento ao requisito exigido pela disciplina de Interpretação de Textos Bíblicos. Os assuntos nele contido têm por finalidade revelar a importância da Hermenêutica para pregação bíblica. No primeiro ponto, o artigo traz uma breve introdução sobre a Hermenêutica apresentando o seu significado e a sua relevância quanto à interpretação correta de um texto bíblico. No segundo ponto, o artigo discorre sobre a importância em se ter uma compreensão da História da Interpretação Bíblica, apresentando alguns grupos que ajudaram na formulação dos diferentes aspectos da interpretação judaica. No terceiro ponto, o artigo discorre sobre o método interpretativo e os pais da igreja primitiva, apresentando algumas escolas com as suas formas de interpretação. E no último ponto, o artigo fala da Hermenêutica Reformada. Apresenta os Reformadores e seu movimento hermenêutico e a contribuição deste para obter-se uma interpretação correta dos textos bíblicos.

PALAVRAS CHAVES:

Hermenêutica. Interpretação Bíblica. Método Interpretativo. Hermenêutica Reformada.

ABSTRACT

The article is in compliance with the requirement required by the discipline of Interpretation of biblical texts. The subjects contained therein are intended to reveal the importance that hermeneutics has for biblical preaching. On the first point the article provides a brief introduction on hermeneutics, presented its meaning and its relevance as to the correct interpretation of a biblical text. On the second point, the article talks about the importance to

¹ *Mestrando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Pós Graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Southeastern e Faculdade Teológica Batista em Campinas. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica de São Paulo e Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Professor e Assistente de Coordenação dos cursos de Pós Graduação: Aconselhamento Bíblico e Exposição Bíblica na Faculdade Teológica Batista em Campinas.*

have an understanding of the history of interpretation of the Bible, showing some groups who helped in the formulation of the different aspects of Jewish interpretation. In the third paragraph the article discusses the interpretive method and the fathers of the early Church showing some schools with their forms of interpretation. On the last point the article talks of Reformed Hermeneutic. Exposes the reformers and their movement hermeneutic and the contribution of this to obtain a correct interpretation of biblical texts.

KEYWORDS

Hermeneutics. Biblical Interpretation. Interpretative Method. Reformed Hermeneutic.

UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE A HERMENÊUTICA

O termo, hermenêutica vem do grego, *hermeneutikós*, que tem por significado a “interpretação” ou a “arte de interpretar”. A hermenêutica é a ciência das leis e princípios de interpretação e explanação². A ciência que define os princípios ou métodos para a interpretação do significado dado por um autor específico³. Osborne em seu livro *A Espiral Hermenêutica* descreve três perspectivas para que se obtenha um entendimento adequado na tarefa da interpretação. Na primeira, Osborne discorre sobre a hermenêutica como uma ciência, pelo fato dela fazer uma classificação lógica e ordenada das leis da interpretação. Na segunda perspectiva ele a apresenta como uma arte, uma vez que esta revela que um conhecimento adquirido, exige imaginação, competência para se aplicar as “leis” às passagens selecionadas ou aos livros. Escreve ele: “É uma arte que não pode ser simplesmente aprendida numa sala de aula, mas é consequência de uma prática constante em sua área de atuação”. A terceira perspectiva e a mais importante na visão de Osborne, diz que a hermenêutica é de caráter espiritual, quando utilizada para se interpretar as Escrituras, por ser esta, realizada na total dependência do Espírito Santo.⁴

Interpretar, então, é uma arte, a de reunir e conjugar palavras e fatos conexos, coerentes e inteligíveis, com o propósito de explicar as realidades de um texto, em suas diversificações contextuais, históricas, sociais, políticas e religiosas. É, sem dúvida, a arte do

² CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, VI 3. São Paulo. Ed. Hagnos, p.95.

³ OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica, Uma Nova Abordagem À Interpretação Bíblica**. São Paulo. Editora Vida Nova, 1ª edição 2009, p.25.

⁴ Ibid. p.26

enriquecimento do saber interpretativo, para o conhecimento bíblico e científico do ser humano contemporâneo, do cristão moderno, que quer saber mais da Palavra de Deus⁵.

E por ser também uma ciência que tem por objetivo conduzir o pregador da Palavra ao exame mais profundo do texto, a hermenêutica requer que este pregador tenha um bom conhecimento das línguas originais usadas pela Bíblia, além dos significados originais desses escritos sagrados, vistos do ângulo dos seus escritores originais, do seu pano de fundo histórico, de seu meio ambiente literário, da história do pensamento religioso e dos pontos de vista científicos dos tempos antigos⁶.

A hermenêutica ainda revela sua importância àquele que dela faz uso. Ela o capacita a se mover no texto para o seu contexto, buscando o significado inspirado por Deus na Bíblia⁷, tendo por objetivo falar hoje com uma relevância nova e dinâmica quanto o foi em seu ambiente original. A importância disto está em que a preocupação única do pregador ou professor será a de anunciar a Palavra de Deus, ao invés, de expor as suas opiniões religiosas repletas de subjetividade.

Portanto, a tarefa do pregador ao fazer o uso da interpretação do texto bíblico será sempre a de descobrir a intenção do autor, como agente inspirado pelo Autor que inspira o texto⁸. Osborne neste sentido dá uma orientação muito importante onde diz que o pregador não pode estudar o texto a partir da perspectiva do passado e sim ler a passagem a partir de perspectivas modernas.

COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DAS INTERPRETAÇÕES DA BÍBLIA

Uma compreensão da história das interpretações da Bíblia será de uma grande valia para todo aquele que procura estudar as Escrituras. Ajudará a que não se cometa erros que o foram cometidos no passado. Ajudará também no familiarizar o intérprete com alguns dos excelentes exegetas do passado e demonstrar alguns dos métodos que eles usaram para tratar com as Escrituras.

⁵ PIRES, Carlos Alberto. **O Que É Hermenêutica?** Rio de Janeiro. Editora MK, 2005.

⁶ CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D, p. 95.

⁷ Osborne, p. 27.

⁸ Ibid, p.29.

Pode-se dizer que, praticamente desde o princípio, muitos ouvintes e leitores da mensagem da Bíblia demoraram em captar as verdades espirituais nela contidas. Por exemplo, os profetas repetidamente reclamavam que Israel era um público tolo, insensato e rebelde: “tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis” (Jr 5.21; também Is 6.10; Ez 12.2). Tal situação não era diferente no Novo Testamento. Paulo teve que escrever aos Tessalonicenses pedindo: “não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós” (1Ts 2.2). O apóstolo Pedro na sua segunda carta no capítulo três verso dezesseis diz ser verdade que as cartas de Paulo continham “certas coisa difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como deturparam as demais Escrituras para a própria destruição deles”. Mas as pessoas vão distorcer não apenas as cartas de Paulo, mas as “demais Escrituras” também. Deste modo, faz-se oportuno o atentar-se para afirmação que Walter C. Kaiser Jr faz em um capítulo de seu livro, “Uma Breve História da Interpretação” discorrendo sobre a necessidade de se buscar conhecer a história da interpretação da Bíblia, para que assim se tenha uma compreensão mais clara das interpretações das Escrituras⁹.

Quando Israel voltou do exílio Babilônico se fez necessário que Israel tivesse algum elemento que pudesse orientá-lo na interpretação das Escrituras. Assim, o elemento oral se tornou um suplemento fixo e crescente para o texto bíblico¹⁰, tendo conotação de autoridade como às das Escrituras. Afirma-se que essa tradição havia sido passada fielmente do escriba Esdras e dos membros da Grande Sinagoga que supostamente haviam recebido esses ensinamentos por meio da revelação divina¹¹.

No início da era cristã, os rabinos judeus fizeram uma distinção entre dois sentidos do texto: O sentido literal ou histórico: o *peshat*, ou seja, o “claro” ou “simples”, que significava a passagem bíblica; e o *remaz*, o sentido oculto da lei mosaica e do Halaká. Havia também o sentido alegórico que era expresso na forma de Hagadot ou lendas: o *derûsh*¹². Desta última palavra surge então o substantivo *midrash* “exegese”¹³.

A interpretação judaica era determinada, em grande parte, por sua própria estrutura teológica, bem como, pelos objetivos da comunidade, na qual as Escrituras desempenhavam

⁹ KAISER, Walter C. Jr. SILVA, Moises. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 1ª Edição, 2002, p.204.

¹⁰ Ibid., p. 204.

¹¹ Ibid., p.204.

¹² Ibid., p. 204.

¹³ Ibid., p. 204.

um papel. Kaiser apresenta três grupos que ajudaram a formular os diferentes aspectos dessa interpretação judaica. São eles: os rabinos; a seita de Qumram, dos papiros do Mar Morto, e a diáspora judaica¹⁴. Segue-se então, uma breve descrição sobre a atuação desses três grupos na formulação dos diferentes aspectos da interpretação judaica.

1. Os rabinos

Na era cristã deu-se início a uma tradição que acabou resultando em grandes coleções de escritos. Eles ficaram conhecidos como o *Mishnah*, o *Gemara*, e o *Talmud*. Algumas partes do Talmud originaram-se no século 2º a.C., quando vários ensinamentos começaram a ser passados oralmente e aumentaram constantemente a cada geração. Então, no século 2º d.C., Judah Há-Nasi coletou esses ensinamentos na forma escrita. Esse trabalho, que consiste de 63 tratados, ficou conhecido como o Mishnah. Com o passar do tempo, o próprio Mishnah foi sujeito a uma interpretação escrita, o Gemara. A combinação do Mishnah e do Gemara normalmente é chamada de Talmud¹⁵. Desenvolveu-se então, uma espécie de coordenação entre o texto bíblico, a tradição e a aplicação contemporânea¹⁶.

Os princípios para coordenar esses três elementos foram estabelecidos por conjuntos de leis rabínicas, conhecido como *middôt*¹⁷. Há uma afirmação de que o conjunto mais antigo de sete *middôt* é do rabino Hillel, contemporâneo de Jesus, sendo este mais velho que Jesus. Hillel estabeleceu o que se chamou as suas sete regras¹⁸.

A primeira regra fala do sentido mais brando (premissa menor) para o mais forte (premissa maior). Ou seja, aquilo que é verdade sobre o menor também o é sobre o maior. Um exemplo disso é o sábado. Ele era visto como mais importante do que os outros dias festivos. Uma restrição colocada sobre um dia festival anual era ainda mais aplicável ao sábado¹⁹.

A segunda regra é a da analogia de expressões. O uso de palavras e frases semelhantes para se explicar passagens ambíguas. Um exemplo é o de Levítico 16.29. É pedido aos judeus que afligissem suas almas no Dia da Expição, sem explicar a natureza dessa aflição. Os

¹⁴ Ibid., p. 205.

¹⁵ Ibid., p. 205, nota de rodapé.

¹⁶ Ibid., p. 205.

¹⁷ Ibid., p. 205.

¹⁸ Ibid., p.205

¹⁹ Ibid., p.205.

judeus, então, interpretavam que eles deveriam abster-se de comida no Yom Kippur, isto porque em De 8.3 a mesma expressão foi usada com a menção explícita de fome²⁰.

A terceira regra fala da aplicação por analogia com uma cláusula ou a extensão do específico para o geral. Aqui os textos eram aplicados a determinados casos. Um princípio geral era construído sobre a base de um ensinamento contido em um versículo. Por exemplo: De 19 onde há um princípio para um assassinato não intencional de um companheiro lenhador. Este caso específico poderia ser aplicado a qualquer tipo de morte acidental resultante de dois homens trabalhando juntos em um lugar público²¹.

A quarta regra de Hillel fala sobre a aplicação por analogia com duas cláusulas. Essa regra é semelhante a anterior. Só que aqui ela é fortalecida por duas cláusulas, ou dois versículos para o princípio geral²². Um exemplo pode se ter de Êxodo 21.26,27. Determinava-se que o escravo que tivesse o seu “olho” ou “dente” destruído deveria ser liberto. Assim, usando a aplicação por analogia, poderia essa regra ser aplicada a todas as outras partes do corpo.

A quinta regra fala da inferência de um princípio geral para um caso ou exemplo específico. Essa regra pode ser usada tanto do geral para o específico, quanto do específico para o geral. Êxodo 22.9 encontra-se a expressão “ou qualquer coisa”. Por causa deste termo generalizado “qualquer coisa”, a lei pode ser aplicada a qualquer coisa, quer animada ou inanimada²³.

A sexta regra fala da explicação de outra passagem. Ela faz uso de outro trecho das Escrituras para explicar uma passagem²⁴.

A última regra de Hillel fala da aplicação de uma inferência evidente por si própria em um texto. Essa regra revela que uma passagem não deve ser tomada como uma declaração isolada, mas somente à luz de seu contexto²⁵.

No século 2º d.C., vai aparecer um rabino de nome Ishamel bem Elisha que vai aumentar para treze o número das sete regras de Hillel²⁶.

²⁰ Ibid., p.205.

²¹ Ibid., p. 206.

²² Ibid., p. 206.

²³ Ibid., p. 206.

²⁴ Ibid., p.206.

²⁵ Ibid., p.206.

2. A Seita de Qumram

A comunidade de Qumram, identificada pela maioria como os essênios mencionados em Josefo, Philo, Strabo e outros escritores da antiguidade, é conhecida pelo conjunto de papiros do Mar Morto que foi encontrado em 1947 e em anos seguintes²⁷.

Os essênios eram leitores da Bíblia. Seus comentários foram encontrados junto com cópias das Escrituras feitas por eles. Esses comentários citavam uma passagem curta com dois ou três versículos²⁸. O aspecto singular da interpretação que eles ofereceram, especialmente dos livros proféticos, foi que tudo do passado era transformado e recebia um valor e um significado contemporâneo. Por exemplo: O “justo” em Habacuque 1.4, era o “Mestre da Justiça” ou o fundador da seita dos essênios²⁹. Outro exemplo nesta mesma passagem é a do “perverso [que] cerca o justo”. Este era o “sacerdote perverso” ou o “homem de mentiras” que perseguia o “Mestre da Justiça”³⁰. Assim se desenrolava a exegese *peshet* (da palavra aramaica *psr*, “interpretar”) dos essênios³¹.

Os essênios tornaram-se também famosos por seus estudos devotos dos documentos sagrados, que eram, antes de tudo, os livros do Antigo Testamento, embora eles tivessem rejeitado alguns princípios associados a esse documento. Eles rejeitavam a escravatura, as unções com azeite e a guerra. Eram celibatários. Rejeitavam os sacrifícios de animais. Eles também produziam sua própria literatura sagrada. Eles parecem ter tido o seu centro principal no mar Morto e é provável a conexão deles com os Manuscritos do Mar Morto³².

Os essênios se organizavam formando comunidades, como informou Josefo. Mas havia também várias colônias organizadas. As principais colônias dos essênios ficavam perto da extremidade norte do mar Morto, em redor de Em-Gedi. Havia também comunidades dos

²⁶ David Daube, “Rabbinic Methods of Interpretation and Hellenistic Rhetoric”, *HUCA* 22 (1949): 239-64, argumenta de modo bastante convincente que essas regras de modo geral refletem a lógica e os métodos da gramática e da retórica helenísticas. Pode se ver também Bernad Rosensweig, “The Hermeneutic Principles and Their Applications”, *Tradition* 13 (1972): 49-76; e J. Weingreen, “The Rabbinic Approach to the Study of The Old Testament”, *BJRL* 34 (1951-52): 166-90.

²⁷ Kaiser, p. 207

²⁸ *Ibid.*, p. 207.

²⁹ *Ibid.*, p.207.

³⁰ *Ibid.*, p.207.

³¹ *Ibid.*, p.207.

³² CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. Vol 2. São Paulo. Ed. Hagnos. 9ª edição 2008, p. 523-4.

essênios espalhadas pela Palestina, que praticavam certo comunismo religioso, administradas por oficiais eleitos, escolhidos dentre os anciãos³³.

As influências religiosas a que os essênios estavam sujeitos, e que explicavam em parte algumas de suas doutrinas e práticas, vieram do judaísmo, especialmente do farisaísmo, do parseísmo, do paganismo sírio, do pitagoreanismo e do neoplatonismo³⁴.

3. A Diáspora Judaica

A terceira forma de hermenêutica judaica foi a que surgiu entre os judeus da diáspora, especialmente em Alexandria, no Egito. Philo, provavelmente é a figura mais representativa dessa hermenêutica judaica. Na capital helenística, o cânon judeu das Escrituras era a Septuaginta, a tradução grega da Bíblia. Para os estudiosos helenistas, as Escrituras continham uma verdade mais profunda, um sentido espiritual chamado de *hyponoia*. Essa verdade mais profunda estava, para esses estudiosos, por trás das palavras humanas e precisava ser descoberta por meio da interpretação alegórica, permitindo assim que o texto comunicasse algo mais, além daquilo que as palavras significavam³⁵.

Philo usava um modelo para seu princípio hermenêutico, denominado a divisão plantônica do mundo e das pessoas. Ele o fazia em duas esferas: uma visível e outra emblemática. O visível era o significado literal do texto, ou seja, aquilo que correspondia ao corpo; o significado mais profundo, ou a *hyponoia*, era o simbólico, ou aquilo que correspondia à alma. Sempre que Philo era confrontado com aquilo que, para ele, parecia impossível, injusto ou absurdo dentro do texto bíblico, ele procurava cuidadosamente por pistas tais como números misteriosos, etimologias, expressões peculiares e coisas do gênero que pudessem desvendar o ensinamento de *hyponoia* por trás do significado superficial do texto³⁶. Na cultura helenista em que vivia o povo da diáspora, pensava-se que era somente por meio desses passos que os judeus poderiam sobreviver e tornar as leis de Moisés atraentes para a mentalidade grega³⁷.

³³ Ibid., p. 524.

³⁴ Ibid., p.524

³⁵ Ibid., p. 207.

³⁶ Kaiser, p.208. Nota de rodapé: Philo chamava este tipo de interpretação de “Leis da Alegoria”. As 23 regras de Philo foram organizadas por Charles A. Briggs sob quatro títulos: Alegoria Gramatical, Alegoria Retórica, Alegoria por Meio de Novas Combinações e Simbolismos. Ver Charles Augustus Briggs, *General Introduction to the Study of Holy Scripture*, edição revista (1900; reimpressa, Grand Rapids: Baker, 1970), pp. 434-36.

³⁷ Kaiser, p.208.

O MÉTODO INTERPETATIVO E OS PAIS DA IGREJA PRIMITIVA³⁸

As interpretações do período dos pais da igreja primitiva e dos primeiros séculos cristãos tendem a encaixar-se em três escolas principais da interpretação: a de Alexandria, a de Antioquia e a do Ocidente. O artigo vai discorrer, ainda que de forma breve, sobre alguns aspectos importantes de cada uma dessas escolas sobre os métodos interpretativos e os Pais da Igreja Primitiva.

1. A Escola de Alexandria.

O primeiro grande mestre da escola de Alexandria foi Titus Flavius Clemente. Ele adotou o método alegórico de Philo, propondo o princípio de que as Escrituras devem ser compreendidas alegoricamente. Seu argumento era que “as Escrituras, por muitos motivos, escondem o sentido... sendo, pois que os mistérios sagrados das profecias estão ocultos em parábolas” (Miscellanies 6.15). Em outra parte de sua obra ele ensinou que “quase todas as Escrituras são expressas em forma de enigmas” (Stromata 6125.5-6). O lema da escola de Alexandria era “A menos que você acredite, você não irá compreender”³⁹.

Orígenes que foi discípulo de Clemente foi, provavelmente, o maior teólogo de seu tempo. Ele seguia também o método alegórico de Philo, porém deu ao método uma base bíblica e declarou que as Escrituras tinham um sentido triplo: corpóreo ou carnal, físico e espiritual⁴⁰. Foi ele que delineou o primeiro tratado técnico sobre a teoria hermenêutica cristã:

O seguinte método, tirado dos próprios textos bíblicos nos parece, de fato, a maneira correta de nos aproximarmos das Escrituras e captarmos seu sentido. Em Provérbios de Salomão encontramos o seguinte tipo de diretiva sobre as doutrinas divinas nas Escrituras: “Porventura, não te escrevi excelentes coisas acerca de conselhos e conhecimentos, para mostrar-te a certeza das palavras da verdade, a fim de que possas responder claramente aos que te enviarem?” [de acordo com a Septuaginta e o latim de Provérbios 22.20,21]. Isso significa que se deve gravar na alma as intenções da literatura sagrada de maneira tripla; a pessoa mais simples pode ser edificada pela carne das Escrituras (ou seja o entendimento mais óbvio); aqueles em estágio intermediário, pela alma das Escrituras; mas a pessoa que é experimentada e aproxima-se da descrição do apóstolo: “Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século...” [1Co 2.6,7], será beneficiada pela lei espiritual das Escrituras que contêm “sombras dos bens vindouros” [Hb 10.1]. Pois, assim

³⁸ Ibid., p.210.

³⁹ Ibid., p. 211.

⁴⁰ Ibid., p. 211.

como o ser humano consiste de corpo, alma e espírito, assim também acontece com as Escrituras que Deus compôs para a salvação da humanidade⁴¹.

De acordo com Orígenes, todos os textos bíblicos têm um sentido espiritual, mas nem todos possuem também um sentido literal. O fato de haver tantas pedras de tropeço para a interpretação literal do Antigo Testamento o forçou a buscar nos textos uma compreensão mais profunda. O método que Orígenes usava para sua hermenêutica bíblica era o de *anagoge* (“ascendente”), a ascensão da alma do nível da carne para o universo do espírito⁴². Por causa de perseguição, Orígenes teve que deixar Antioquia, indo morar em Cesaréia, em Israel⁴³.

O sistema alegórico de interpretação foi construído sobre a doutrina das correspondências. Essa doutrina afirmava que todo objeto ou acontecimento natural ou terreno é acompanhado de um objeto ou acontecimento análogo correspondente e de natureza espiritual ou celeste. Em grande parte, essa ideia era derivada de Platão. Ele afirmou que toda a vida e toda a história secular é uma alegoria e descrição de coisas espirituais ou celestes. A questão é que nenhum texto da Bíblia ensina tal doutrina de sombras e imagens ou a doutrina da correspondência. Essas doutrinas são diretamente derivadas da filosofia secular daquela época⁴⁴.

2. A Escola de Antioquia.

A escola de Antioquia vem em oposição à escola de Alexandria. Seu fundador foi Luciano de Samosata, por volta do final do século 3º d. C. Essa escola opunha-se fortemente ao método alegórico de interpretação da escola de Alexandria. Os aderentes da escola de Antioquia empregavam o método gramático-histórico. Este método era aplicado das mais diversas maneiras, expressando muitos pontos de vista⁴⁵.

Essa escola foi formada no início do 4º século, mas no 2º século houve em Antioquia, estudiosos como Teófilo, com uma interpretação mais sóbria das Escrituras. Em sua obra *A Autólico*, Teófilo entendia as profecias bíblicas em seu sentido natural e óbvio. Isto pode ser visto em um escrito tirado do capítulo XVI da sua obra citada acima:

⁴¹ Ibid., p.211. Nota de rodapé do autor: Conforme recentemente traduzido por Karlfried Froelich, *Biblical Interpretation in the Early Church* (Filadélfia: Fortress, 1984), pp. 57,58.

⁴² Kaiser, p.211.

⁴³ Ibid., p.211.

⁴⁴ Ibid., p. 212.

⁴⁵ Champlin, Vol 2, p. 445.

Eu leio as Sagradas Escrituras dos santos profetas, os quais pelo Espírito de Deus predisseram as coisas que têm realmente acontecido, exatamente como vieram a ocorrer, e as coisas que agora estão ocorrendo no presente, e as coisas futuras na ordem em que ocorrerão. Aceitando, portanto, a prova evidente com a ocorrência de coisas preditas anteriormente, eu não descreio. Ao contrário, creio, obediente a Deus, a quem você deveria também se sujeitar, crendo nele, para que não seja condenado depois e atormentado com a punição eterna⁴⁶.

Podem-se perceber vários aspectos positivos na obra dos antioquianos. Ela adotou uma leitura das Escrituras que buscava descobrir a intenção do autor humano, como meio de determinar-se o sentido de uma passagem bíblica. Procurava-se fazer justiça ao caráter histórico da Escritura. Mais tarde, a interpretação reformada retornaria a este princípio⁴⁷.

Augustus Nicodemos, em seu livro *A Bíblia e Seus Intérpretes*, fala que há duas coisas importantes que se pode aprender da escola de Antioquia: Primeira: O melhor caminho para evitar a subjetividade descontrolada de uma interpretação alegorista é nos atermos ao texto das Escrituras, ao seu sentido simples e evidente. Segunda: Precisamos cuidar para não cair no extremo de nos tornarmos tão presos à busca do que o texto significou no passado que nos esqueçamos de perguntar o que ele significa no presente⁴⁸.

3. A Escola do Ocidente.

A escola do Ocidente era a terceira escola no período dos pais da igreja. Era uma escola eclética em seus métodos de interpretação. Ela incluía alguns elementos da escola alegórica de Alexandria, mas também incorporava alguns princípios de Antioquia.

Seus principais representantes foram Hilário, Ambrósio e, especialmente, Jerônimo e Agostinho. Jerônimo foi o que traduziu a Bíblia Vulgata. Ele tinha um bom conhecimento das línguas originais. Mas, foi em Agostinho que se fez a sistematização das verdades Bíblica⁴⁹.

Em sua obra *De Doctrina Christiana*, Agostinho expressou seus princípios hermenêuticos. Ele ressaltou a necessidade de um sentido literal como sendo a base essencial para o sentido alegórico. Para Agostinho, o fator decisivo sempre que houvesse alguma

⁴⁶ Citação feita no livro de Augustus Nicodemos Lopes, *A Bíblia e Seus Intérpretes*. Editora Cultura Cristã. 2ª Edição 2007, p.135.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 137,38.

⁴⁸ *Ibid.*, p.139.

⁴⁹ Kaiser, p.214

dúvida nas Escrituras era a *regula fidei* (regra de fé), que de acordo com ele significava o conjunto de doutrinas da igreja⁵⁰.

Agostinho argumentava em favor de um sentido quádruplo das Escrituras: histórico, etiológico (uma investigação acerca das origens e causas), analógico e alegórico⁵¹. O conjunto de quatro termos que acabaram sendo aceitos pela escola ocidental de hermenêutica era composto pelo sentido literal, alegórico, tropológico (moral) e anagógico (místico ou escatológico). A ilustração usual desse sentido quádruplo surgiu por volta de 420 d.C. nas Conferências de João Cassiano: Jerusalém literalmente significa a cidade dos judeus; alegoricamente Jerusalém é a igreja (Sl 46.4,5); tropologicamente, Jerusalém é a alma (Sl 147.1,2,12) e analógicamente, Jerusalém é nosso lar celestial (Gl 4.26)⁵². Cassiano deixou claro que o sentido quádruplo não se encaixava em todas as passagens das Escrituras; devia-se sempre dar atenção primeiramente ao sentido literal, conforme enfatizado pela escola de Antioquia.

4. A interpretação da Bíblia na Idade Média.⁵³

A Idade Média, hermeneuticamente falando, não foi uma época brilhante. Membros do clero e leigos eram ignorantes até mesmo sobre o que a Bíblia dizia.

O que ganhou importância foi o princípio de que a interpretação da Bíblia precisava adaptar-se às tradições e doutrinas da igreja. Um dos mais instruídos intérpretes das Escrituras daquela época, Hugo de São Vítor declarou: “Aprenda primeiro em que deve acreditar e então vá até a Bíblia e encontre lá esse preceito!”⁵⁴.

As figuras-chaves desse longo período entre os anos de 600 e 1500 foram os vitorianos, do mosteiro de São Vítor em Paris. Além de Hugo, um discípulo seu por nome André de São Vítor vai expandir essa ênfase no sentido literal usando o texto da Vulgata para o significado cristão da Bíblia e o texto em hebraico para a explicação judaica⁵⁵.

⁵⁰ Ibid., p. 214.

⁵¹ Agostinho, *On the Usefulness of Bible*, 3.5-9. Agostinho trabalhou nessa lista para o Antigo Testamento baseando-se nos termos técnicos gregos de uma análise retórica da linguagem.

⁵² Kaiser, p.214.

⁵³ Ibid., p.215.

⁵⁴ Ibid., p. 215.

⁵⁵ Kaiser apresenta como a melhor discussão sobre a exegese da Idade Média, a obra de Beryl Smalley, *The Study of the Bible in the Middle Ages* (Notre Dame, IN: Notre Dame Press, 1964).

A figura mais importante de toda essa era foi Tomás de Aquino. Ele defendeu o sentido literal como base para todos os outros sentidos das Escrituras. Argumentou que o intérprete deve perceber que a Bíblia tem ainda um sentido simbólico, pois as coisas celestes não podem ser expressas em termos terrenos sem fazer uso de alguma forma de simbolismo. Deste modo, a antiga doutrina da correspondência, que havia ocupado o centro da interpretação alegórica das Escrituras, ainda era essencial à exegese da Idade Média⁵⁶.

Outro nome que surge nesta era é o de Nicolau de Lira. O seu trabalho foi diferenciado mais do que qualquer outro desde a época da escola de Antioquia. Ele deu preferência ao sentido literal das Escrituras. Pedia constantemente que se consultassem as línguas originais e reclamava que se estava permitindo que o sentido místico “sufocasse o literal”. Insistia ainda, que somente o sentido literal deveria ser usado para provar qualquer doutrina. A sua obra influenciou Lutero e afetou profundamente a Reforma. Com uma inquietação profunda com a morte, a culpa e perda de sentido, que marcaram a Baixa Idade Média⁵⁷, a teologia de Lutero vai ser uma resposta às ansiedades dessa época.

Augustus Nicodemos Lopes faz uma afirmação importante, onde diz que a Hermenêutica de Lutero resgatou as Escrituras do cativeiro da exegese medieval. Qualquer estudante que conheça as obras de Lutero, especialmente os seus comentários, “percebe que o método gramático-histórico moderno de interpretação está, muitas vezes, apenas aperfeiçoando a obra do grande reformador”⁵⁸.

A HERMENÊUTICA REFORMADA

A reforma protestante foi um movimento hermenêutico que vai por fim ao domínio de séculos de interpretação alegórica⁵⁹. Esse movimento traz de volta os princípios de interpretação que eram defendidos pela escola de antioquia e marca a pregação, o ensino e os princípios dos Reformadores⁶⁰.

⁵⁶ Ibid., p. 215.

⁵⁷ FERREIRA, Franklin, **Gigantes da fé, Espiritualidade e Teologia na Igreja Cristã**. São Paulo, ed. Vida, 2006, p. 132.

⁵⁸ Ibid., p. 133.

⁵⁹ LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus Intérpretes. Uma Breve História da Interpretação**. São Paulo, ed. Cultura Cristã, 2ª edição, 2007, p. 159.

⁶⁰ Ibid., p. 159.

Na hermenêutica Reformada, a Bíblia passa a ser o juiz maior de todas as controvérsias religiosas, interpretando-a a si mesma através de suas partes. Os Reformadores rejeitaram e combateram o conceito de que a hierarquia da Igreja era a autoridade máxima em questões religiosas⁶¹.

Com a Bíblia no centro da fé cristã e da prática da Igreja, estão ganhos os destaques de divindade, veracidade e autoridade na vida dos cristãos, onde estes agora, apelam a ela para resolução dos debates teológicos.

Os Reformadores eram conscientes de que a Bíblia era um livro humano. Que fora escrita por homens com uma linguagem humana. Que viviam em uma época e cultura específicas. Mas reconheciam também o caráter divino da Bíblia. Os seus estudos bíblicos se firmavam na doutrina da inspiração, veracidade e infalibilidade das Escrituras⁶². Calvino ao comentar o texto bíblico de Mateus 2.6, “E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel”, disse:

Não há dúvida de que os escribas citaram as palavras desta passagem [Mq 2.6] fielmente, em sua própria língua, como se encontram no Profeta. Mas Mateus estava escrevendo em grego, e seguiu a leitura que era aceita em sua época... Devemos observar que quando os apóstolos citam um testemunho das Escrituras, eles não o fazem palavra por palavra, e algumas vezes chegam mesmo a distanciar-se bastante da linguagem original. Eles, entretanto, acomodam a passagem de forma adequada ao propósito que tinham em mente... Os evangelistas nunca torturam as Escrituras dando-lhes um falso sentido, mas a aplicam de forma própria a um uso genuíno⁶³.

Com a chegada do racionalismo na igreja e com o uso do método histórico-crítico, a Bíblia passa a ser examinada com os pressupostos do racionalismo ignorando-se totalmente os pressupostos da exegese reformada. Passagens como a de Mt 2.6 passaram a ser consideradas como erros grosseiros dos autores neotestamentários, enquanto que Calvino as via como um uso adaptado e genuíno⁶⁴.

Uma preocupação que os Reformadores tinham era a de chegar ao sentido óbvio, claro e simples de cada passagem das Escrituras. Esse processo era feito através da observação cuidadosa da gramática e do contexto. Isto pode ser visto na crítica que Lutero faz aos intérpretes escolásticos da Idade Média, em seu comentário aos Gálatas (1535):

⁶¹ Ibid., p. 159.

⁶² Ibid., p. 160.

⁶³ Ibid., p. 160.

⁶⁴ Ibid., p. 160.

O que eles (os sofistas) deveriam fazer é vir ao texto, vazios, derivar suas idéias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede como que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem da Escritura, que eles geralmente arrancam do seu contexto⁶⁵.

O que os Reformadores ensinavam é que cada texto tem um só sentido e este é literal, a não ser que o contexto ou outro texto das Escrituras requeira claramente uma interpretação figurada ou metafórica. A contribuição importante dada pelos reformadores aqui pode ser vista no rompimento que estes tiveram com a *alegorese* medieval que prevaleceu na Idade Média, a qual via o texto bíblico como tendo diversos sentidos, sendo o alegórico o mais importante⁶⁶.

Por entender que a natureza das Escrituras é divina, os Reformadores viam a necessidade da iluminação do Espírito Santo na compreensão e interpretação das Escrituras. Assim, entendiam que por ser a mensagem de natureza espiritual, esta se tornava a principal barreira à sua compreensão por aqueles que não tinham o Espírito Santo em suas vidas. Como disse Augustus Nicodemos Lopes, aquele que não tinha o Espírito Santo em sua vida, as Escrituras tornava-se um livro fechado. Lutero e Calvino declararam que nenhuma pessoa poderia interpretar corretamente as Escrituras sem a ação iluminadora do Espírito Santo através da própria Palavra⁶⁷.

Os Reformadores reconheciam outra importante necessidade. A de se estudar e pesquisar as Escrituras. Essa necessidade vem pelo fato de reconhecerem que a Bíblia era um livro humano e isto, faz com que haja nela alguns pontos obscuros que necessitam então de maior atenção para serem elucidados. Essas obscuridades residiam no fato de que as Escrituras foram escritas em línguas orientais já mortas, em culturas distantes e em épocas já passadas⁶⁸. Deste modo, o estudo cuidadoso das línguas originais, bem como, o conhecimento da cultura e da época em que foram escritas, poder-se-ia chegar ao sentido provável das passagens obscuras. Lutero, no prefácio ao seu Comentário em Romanos, dá uma explicação do sentido das chaves da carta, como fé, justiça e carne, como sendo o caminho para a sua compreensão:

Você não deve entender carne aqui como denotando somente lascívia, ou espírito como denotando somente a parte interior do coração. Aqui São Paulo chama a carne (como faz Cristo em João 3) tudo que nasceu da carne, i.e. todo ser humano com corpo e alma, razão e sentidos, desde que tudo dentro dele se inclina para a carne. Isto é o porquê você deveria saber o suficiente para chamar aquela pessoa de “carnal” quem, sem a graça, fabrica, ensina e tagarela sobre assuntos altamente espirituais.

⁶⁵ Ibid., p. 161.

⁶⁶ Ibid., p. 161.

⁶⁷ Ibid., p. 162.

⁶⁸ Ibid., p. 162.

Você pode aprender a mesma coisa em Gálatas, capítulo 5, onde São Paulo chama a heresia e obras odiadas da carne. E em Romanos, capítulo 8, ele diz que, através da carne, a lei deles da incredulidade, o qual é o mais espiritual dos defeitos... A menos que você entenda estas palavras desta maneira, você nunca entenderá nem esta carta de São Paulo nem o livro das Escrituras. Esteja atento, por isso, contra os professores que usam estas palavras diferentemente, não importa quem ele seja, seja Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Orígens ou qualquer outro tão grande como grande eles são⁶⁹.

O importante em tudo isso é saber que os Reformadores estavam convencidos de que o sentido geral das Escrituras era claro e disponível a todo cristão verdadeiro.

Apesar de preferirem uma leitura literal das Escrituras, os Reformadores estavam conscientes de que determinados textos eram mais bem interpretados como sendo figurados⁷⁰.

Os princípios interpretativos dos Reformadores serviram de base para o surgimento da interpretação gramático-histórica que veio a prevalecer na Igreja após a Reforma. Eles viriam a ser desenvolvidos e adotados pelo protestantismo ortodoxo em geral e se tornaram conhecidos pelo nome de método gramático-histórico de interpretação bíblica⁷¹. Mas esse ímpeto hermenêutico da Reforma, vai sofrer diversas influências no período da pós-reforma⁷².

Em 1512, enquanto um monge agostiniano ia a Roma resolver assuntos de sua ordem, Jacques Lefèvre d'Étaples, professor da Universidade de Paris, rompeu com a teologia escolástica que dominava a doutrina religiosa da época e começou a enfatizar uma volta à Escritura. Guillaume Briçonnet, bispo de Meaux, lugar para onde se dirigiam os de pendor reformador por causa das perseguições, também se aproximou da fé evangélica. Outro que aderiu à Reforma foi Guillaume Farel, que depois, sem desanimar diante das perseguições, ganhou para a fé evangélica as cidades de Montbelliard, Neuchatel, Lausanne, Aigle e finalmente Genebra. Já em meados de 1520 os escritos de Martinho Lutero estavam chegando à França, exercendo grande influência sobre o pensamento desses homens. Mas foram os escritos de João Calvino que cativaram corações e mentes dos protestantes franceses⁷³.

⁶⁹ Ibid., p. 163.

⁷⁰ Ibid., p. 166.

⁷¹ Ibid., p. 167.

⁷² Para um estudo sobre essas influências ver o livro de Augustus Nicodemos Lopes, *A Bíblia e seus Interpretetes*, a partir do capítulo 11 até o capítulo 16, onde o autor trabalha com as várias escolas de interpretação desse período.

⁷³ FERRERIA, Franklin. **Gigantes da Fé**. São Paulo, editora Vida. 2006, p. 160.

O melhor resumo do princípio da interpretação da Reforma está nas palavras de William Tyndale:

Vós deveis compreender, portanto, que as Escrituras têm apenas um sentido, que é o sentido literal. E que o sentido literal é a raiz e a base para todos, e âncora que nunca falha; se vos apoiardes nela, não ireis cair em erro ou desviar do caminho. E se deixardes o sentido literal, certamente desviareis do caminho. Ainda assim, as Escrituras usam provérbios, similitudes, charadas e alegorias, como o fazem outras formas literárias; mas aquilo que o provérbio, similitude, charada ou alegoria significa é literal em seu sentido, o qual deveis buscar diligentemente⁷⁴.

A teologia reformada teve uma influência muito grande em vários países como: a Suíça, França, Holanda, Alemanha, Hungria, Polônia, Inglaterra - entre os anglicanos e os puritanos; Escócia, Estados Unidos – em três principais imigrantes: puritanos, escoceses e holandeses – e o próprio Brasil⁷⁵.

CONCLUSÃO

Conclui-se esse artigo com as palavras de Kaiser:

O campo da interpretação bíblica passou por mudanças drásticas durante o século 20, em grande parte por causa do trabalho de estudiosos como Karl Barth e Rudolf Bultmann, mas também por causa do desenvolvimento de outras áreas, como a crítica literária, a filosofia e até mesmo a ciência. Em grande parte, essas mudanças sinalizaram uma reação ao método histórico-crítico que nasceu no século 19. Esse método concentra-se no significado histórico da Bíblia de maneira tão intensa que, com frequência, parece excluir sua relevância atual. A ascensão da Nova Crítica (nos estudos literários norte-americanos) chamou a atenção para o fato de que os textos literários têm significado por si mesmos, independentemente da intenção original do autor. Especialmente quando aplicada à Bíblia, essa visão minimiza a historicidade das narrativas. Além disso, uma ênfase crescente no papel do leitor vem introduzindo um forte elemento de subjetividade ao trabalho de interpretação. Apesar de, possivelmente, ser verdade que não devemos identificar o significado de um texto de maneira total e exclusiva com aquilo que o autor pretendia

⁷⁴ Citação de Kaiser, livro *Uma Breve História da Interpretação*, p. 217; de William Tyndale, *The Obedience Of a Christian Man* (Parker (org.) *Doctrinal Treatises*, (1928), pp. 307-9.

⁷⁵ Franklin Ferreira p. 167,8.

conscientemente comunicar, é um erro grave deixar de lado o conceito da intenção do autor ou mesmo relegá-lo a um segundo plano⁷⁶.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BERGER, Klaus. **Hermenêutica do Novo Testamento**. RS. Ed. Sinodal. 1988. 392p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia Vol: 1,2,3**. São Paulo. Ed. Hagnos. 9ª edição 2008.

FERREIRA, Franklin. **Gigantes da Fé**. São Paulo. Ed Vida. 2006. 351p.

KAISER, Walter C. Jr. SILVA, Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo. Ed. Cultura Cristã. 1ª edição 2002. 288 p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus Intérpretes. Uma Breve História da Interpretação**. São Paulo. Ed. Cultura Cristã. 2ª Edição 2007. 287 p.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica. Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica**. São Paulo. Ed. Vida Nova. 1ª edição 2009. 767 p.

PIRES, Carlos Alberto. **O Que é Hermenêutica?** Rio de Janeiro. Ed. MK. 2005. 85 p.

VIRKLER, Henry. **Hermenêutica Avançada. Princípios e Processos de Interpretação Bíblica**. São Paulo. Ed. Vida. 1981. 197 p.

⁷⁶ Kaiser, p. 220.

